



3 PERGUNTAS A CÉDRIC VILLANI

JORGE BUESCU

UNIVERSIDADE DE LISBOA

jsbuescu@fc.ul.pt

O medalha Fields Cédric Villani esteve em novembro de 2015 em Portugal. Ele próprio estrela de cinema (foi protagonista do filme *Comment j'ai Detesté les Maths*, de Olivier Peyon, e da curta-metragem *La Main de Villani*, de Jean-Michel Alberola), foi membro do júri do LEFFEST (Lisbon and Estoril Film Festival), organizado por Paulo Branco, entre 6 e 15 de novembro. No dia 10, lançou a edição portuguesa

JB: Livros, filmes, TV, BD, entrevistas... Como é que arranja tempo para ser o “embaixador da matemática”?

É verdade que explorei muitos caminhos... Seria necessário falar também das centenas de conferências que dei nestes últimos anos, do meu papel de presidente de associações, da minha cooperação com África, e do dinheiro de que foi necessário ir à procura para o meu instituto. No entanto, todos estes “chapéus” participam da mesma lógica “pública” e reforçam-se uns aos outros: um contacto criado num contexto pode revelar-se importante noutro; os progressos realizados num papel podem ser úteis para outro. É, portanto, uma questão de integração. Alguns pontos-chave da minha organização são: (1) A minha secretária faz um trabalho extraordinário, nunca me desembrulharia sem ela; (2) Qualquer que seja o projeto que se prossegue, o êxito é sempre uma questão humana: descobrir as boas pessoas, ter a boa compreensão, a boa empatia; (3) um grande rigor na gestão das comunicações, por exemplo, os emails.

JB: A investigação exige total concentração, como se vê no seu *Teorema Vivo*. Não sente essa exposição pública por vezes como um entrave ao seu trabalho matemático?

É claro que a exposição mediática e o trabalho matemático não se dão bem em conjunto: as restrições que pesam sobre a utilização do tempo e o facto de ele ser tão esartejado não são muito compatíveis com o ritmo prolongado da investigação. Tive de pôr de lado assuntos que me eram

do seu livro *Teorema Vivo*, no Teatro D. Maria II, e no dia 11, proferiu, em Coimbra, a conferência “Matemática, Cultura e Criação”, no âmbito do Mês da Ciência, promovido pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, com a participação de Paula Oliveira e Jorge Buescu.

Duas excelentes ocasiões para privar com esta mente brilhante.

caros; e, acima de tudo, sofro por não poder trabalhar nos meus projetos de livros. Mas não há milagres: se se pretende atingir objetivos em comunicação, administração, contacto com a sociedade, é necessário investir nessas áreas durante anos. E é como em investigação: quando a oportunidade se revela, é preciso aproveitá-la a fundo. Dito isto, eu conservei a minha atividade de ensino: cursos de doutoramento, um MOOC¹ no ano passado e outros em preparação; e a minha atividade como editor permite-me ainda estar bem informado sobre as tendências atuais da investigação. Enfim, as conferências públicas foram preciosas para me permitir compreender o meu próprio trabalho e as suas relações com o resto da investigação.

JB: E o que é que pensam os seus colegas matemáticos acerca do seu envolvimento público?

Os meus colegas têm, seguramente, sentimentos diversos: alguns acham que é muito bom desencarcerar a disciplina, outros devem dizer que faço demasiadas coisas. Mas (quase) ninguém me censurou. E creio que todos eles veem que trabalho enormemente no assunto, e que isso tem efeitos muito positivos para a disciplina: a publicidade feita à profissão e às nossas universidades; os grandes financiamentos públicos obtidos para o desenvolvimento do Institut Henri Poincaré; e a nossa influência política acrescida em decisões importantes.

¹MOOC: Massive Online Open Course.